

RAP COMO DISPOSITIVO: RELATO SOBRE GRUPO DE ADOLESCENTES PRETAS/OS E O FAZER SAÚDE

Samuel Germano do Nascimento ⁱConselheiro

Elaine Cristina Tôres Oliveira ⁱⁱ

Marcos Ribeiro Mesquita ⁱⁱⁱ

Resumo: A reflexão sobre as particularidades que constituem o meio social se faz necessária no exercício da atenção à saúde de populações específicas, como a de adolescentes. Período de mudanças significativas, sobretudo entre pretas/os, a adolescência se configura como um momento para refletir em coletivo as experiências raciais construídas. Nesse sentido, o presente relato tem por objetivo apresentar uma vivência de discussão das questões étnico-raciais junto a um grupo de adolescentes. Para a construção de espaços de discussão, o rap foi escolhido como estratégia de aproximação e como recurso de criatividade (compreensão Winnicottiana). Sua utilização, tornou-se metodologia ideal para a expressão das experiências vividas e possibilitou a observação de marcas de uma sociedade racista e de modelos possíveis de negritude positiva. Percebeu-se o rap como estratégia potente para o fazer saúde, tendo vista o diálogo com as experiências e o acesso menos doloroso aos corpos minimamente silenciados.

Palavras-chave: População Negra. Saúde Integral do Adolescente. Estratégias de Saúde. Rap.

RAP AS A DEVICE: REPORT ON A GROUP OF BLACK ADOLESCENTS AND DO HEALTH

Abstract: Reflection on the particularities that constitute the social environment is necessary in the exercise of health care for specific populations, such as adolescents. A period of significant changes, especially among black people, adolescence is configured as a time to collectively reflect on constructed racial experiences. In this sense, this report aims to present an experience of discussing ethnic-racial issues with a group of adolescents. For the construction of discussion spaces, rap was chosen as an approach strategy and as a creativity resource (Winnicottian understanding). Its use became the ideal methodology for expressing lived experiences and made it possible to observe the marks of a racist society and possible models of positive blackness. Rap was perceived as a potent strategy to promote health, in view of the dialogue with experiences and less painful access to minimally silenced bodies.

Keywords: Black Population. Comprehensive Adolescent Health. Health Strategies. Rap music.

EL RAP COMO DISPOSITIVO: INFORME DEL EXPERIMENTO ACERCA DE UN GRUPO DE ADOLESCENTES NEGROS

Resumen: La reflexión sobre las particularidades que constituyen el entorno social es necesaria en el ejercicio de la atención a la salud de poblaciones específicas, como los adolescentes. Periodo de cambios significativos, especialmente entre los negros. En ese sentido, este relato tiene como objetivo presentar una experiencia de discusión de cuestiones étnico-raciales con un grupo de adolescentes. Para la construcción de los espacios de discusión se optó por el rap como estrategia de abordaje y como recurso de creatividad (entendimiento winnicottiano). Su uso se convirtió en la metodología ideal para expresar las experiencias vividas y permitió observar las marcas de una sociedad racista y posibles modelos de negritud positiva. El rap fue percibido como una potente estrategia de promoción de la salud, en vista del diálogo con las experiencias y el acceso menos doloroso a cuerpos mínimamente silenciados.

Palabras clave: Población negra. Salud Integral del Adolescente. Estrategias de Salud. Música rap.



1. INTRODUÇÃO

O tráfico por meio das águas do atlântico é um marco construído de maneira didática para compreender o início de um sistema que violenta, silencia e mata pessoas pretas, de forma objetiva, imaginativa e simbólica; seja por entre as águas salgadas do oceano, ou em solo de asfalto no contemporâneo. Não à toa, a prática de partilha de conhecimento por meio da oralidade é uma antiga estratégia de manutenção dos saberes entre os povos pretos (ARAUJO, 2016; REIS, 2020; REIS, 2022).

A construção de conhecimento que foi sorrateiramente retirada das nossas mãos, das nossas capacidades intelectuais, e inteligentemente coladas aos nossos corpos, por meio de diversas estratégias de apagamento e exploração, foi sendo historicamente alocada a um ranking que subalterniza a produção sobre o mundo advinda de pessoas pretas, sobretudo quando estas produzem conhecimento a partir de si mesmas (REIS, 2020).

Precisamos falar de um corpo que foi aprendido pelo mundo sensível a ser visto como perigoso e agir em resposta a essa articulação. Um kit é entregue ao homem negro bem antes do nascer. O que ele sentirá a partir do seu corpo negro está sendo articulado desde o princípio do colonialismo, da escravização. É sustentado pela colonialidade e pelo progressivo genocídio do seu povo (SANTOS; ROSA-PEDRO, 2020).

Apesar disso, a história da nação nos presenteia com diferentes imagens sobre a negritude. Podemos constatar o massacre e dizimação dos povos não brancos, assim como não é necessário ir longe para visualizar a resistência, luta e permanência do quilombo dos Palmares (SOARES, 2018). A história brasileira nos traz os insistentes investimentos na construção de ideias eugenistas com a finalidade única de branqueamento populacional (MUNANGA, 1999), na mesma medida em que, escavando melhor nossas figuras, encontramos a produção de ciência e conhecimento por meio dos diversos registros sobre o real e cruel racismo advindos das mais diferentes escritas redigidas por Carolina Maria de Jesus (ROSA; SILVA, 2018).

Apesar dos esforços coletivos, o lado da história que acessamos nos entrega uma versão diferente, com antigas narrativas, que só agora, ressaltam verdadeiros e verdadeiras heróis e heroínas do processo constitutivo da nação. Nós nos reorganizamos! Resistimos e nos articulamos. Participamos e construímos movimentos sociais em direção a reivindicações

junto à sociedade que pudessem nos proporcionar o mínimo de humanidade (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2022).

Neste íterim surge a Constituição Federal de 1988, na qual, dentre outras questões, reconhece a saúde como direito de todas/os e dever do Estado (BRASIL, 1988). Somado a este ganho, está a Lei Orgânica da Saúde, n.º 8080/90 em que, a partir dela é reconhecido o conceito de saúde para além da ausência de doença. Só por meio desta, passa-se a ser possível pensar uma clínica ampliada, na qual, em sua definição, estão compreendidos os determinantes e condicionantes em saúde.

Elementos fundamentais para pensar a construção de saúde em diferentes frentes: do saneamento básico, até o acesso aos bens de consumo (BRASIL, 1990). A clínica ampliada é um conceito que reafirma a construção de uma legislação que redireciona seu olhar, pensando não mais as doenças como a questão central no fazer saúde, mas, as/os atrizes/atores que as vivenciam.

Este conceito abre espaço para que seja possível refletir acerca das particularidades que constituem o meio social, uma urgência que se transforma no nascimento de sucessivas políticas sobre a atenção integral à saúde de populações específicas. O caderno de Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde lançado pelo Ministério da Saúde (2010) é criado com a intenção de atentar às/aos profissionais de saúde sobre necessidades específicas da população supracitada, trazendo e reforçando por meio de problematizações, diretrizes e objetivos, temáticas diretamente ligadas a esse público, as quais podem auxiliar na construção de estratégias para o fazer saúde desta população.

No processo de condução de atividades com adolescentes, as equipes de saúde, em um trabalho multiprofissional e interdisciplinar, precisam refletir e compreender o adolescer e seus efeitos/afetos, levando em consideração que é durante a adolescência que ocorrem “intensas transformações cognitivas, emocionais, sociais e físicas” (BARBIANI et al., 2020, p. 3), as quais podem influenciar não só esse momento da vida.

Assim sendo, tão importante quanto compreender que as/os adolescentes vivenciam questões possivelmente comuns a esta fase da vida, é igualmente primordial a ideia de que adolescentes pretas/os podem vivenciar

suas experiências com e a partir dos seus corpos, apresentando dinâmicas subjetivas bem específicas nestes lugares raciais construídos pelo coletivo social.

As/Os adolescentes pretas/os tendem a ser convidadas/os a amadurecerem desde muito novas/os; possuem uma baixa gama de referenciais, o que reflete no não reconhecimento de personalidades do entretenimento. Uma tendência que também os levam a acreditar que carregam sobre si culpas vindas antes mesmo das acusações, tal qual metas que carregam em sua trajetória pessoal e de diversas/os ancestrais (SOUZA, 2018; SANTOS; DIAS, 2022; SANTOS, *et al.*, 2023).

Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meu ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas, – e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros (...) (FANON, 2009, p. 106).

Partindo disso, ao contrário da compreensão hegemônica do conhecimento, este manuscrito não surge com objetivo de instituir verdades absolutas, tão pouco incontestáveis, mas sim, explicar como registro imagético-discursivo-reflexivo do sistema mundo, o qual afeta a construção das relações, o que se produz sobre elas e como se vivenciam. Nesse sentido, este relato de experiência tem por objetivo apresentar uma vivência de discussão das questões étnico-raciais junto a um grupo de adolescentes.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

O presente relato parte da experiência enquanto residente¹ em um programa multiprofissional em saúde da família de uma universidade estadual de Alagoas, a partir de atividades produzidas com um grupo de adolescentes no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS). O CRAS, cenário deste relato, é um equipamento social do território de referência de uma Unidade de Saúde da Família (USF), local das práticas assistenciais da residência.

O grupo de adolescentes, com frequência semanal, tem por objetivo a prevenção de doenças e promoção da saúde, além de servir como dispositivo

¹ Este trabalho foi escrito a três mãos, entretanto, o relato de experiência, por vezes, trará a primeira pessoa do singular por focar a experiência do residente psicólogo, o qual vivenciou diretamente o que se expõe nas linhas que virão.

de interação entre as/os adolescentes que ocupam o território. A programação desenvolvida buscava a cada encontro equalizar o que se julgava importante partindo da percepção da/o profissional da saúde (temáticas como o uso de drogas, o início das atividades sexuais, corporeidade, tipos de violência, dentre outras), com as expectativas das/os adolescentes em relação às próximas etapas da vida, dúvidas sobre o que cursar e outras inquietações que surgiam.

Em um dos encontros com o grupo de adolescentes, um circuito esportivo foi desenvolvido. O trajeto do circuito iniciava no CRAS, passava pela USF e terminava em uma quadra poliesportiva. A cada espaço parado, era disponibilizada uma parte de uma história sobre violência, a qual, para ser completada, era necessária a realização de algumas atividades, as quais exigiam trabalho em grupo, movimentação física ou raciocínio lógico.

Durante as tarefas deste circuito, uma bola que estava sendo utilizada na atividade foi chutada e ultrapassou os limites do CRAS, indo parar em uma propriedade privada que pertence a uma corporação mercantilista de grande poder. Neste mesmo momento, essa corporação estava realizando o seu maior evento do ano e, em consequência disso, estava com a segurança redobrada. Para recuperar a bola da atividade, uma/um das/os adolescentes pulou o muro. A/O adolescente, como grande parte do grupo, tem pele preta. Diante da cena vivenciada, quando uma imagem estereotipada é remontada no imaginário do grupo, a temática étnico-racial surgiu como algo necessário para o debate.

Nesse sentido, em novembro de 2022, mês intitulado como “novembro negro”, foram construídas atividades junto as/aos adolescentes, dando início a uma sequência de espaços de discussão sobre a temática étnico-racial. Em um destes encontros, o rap (comumente utilizado pelas/os adolescentes no território) foi escolhido enquanto dispositivo de aproximação com a temática.

O rap, ou *RhythmAndPoetry*, é a maneira como decodificamos e transformamos nacionalmente o hip-hop, ritmo nascido na Jamaica e desenvolvido nos Estados Unidos, o qual, em solo norte-americano, apresentou-se enquanto uma diferente maneira de se organizar em comunidade, intervir e produzir sentidos (HOLANDA, 2014). Já em âmbito brasileiro, o hip-hop passa por uma “hibridação sócio identitária”, como trazem as autoras Weihmüller, Silva e Siqueira (2019) desenvolvendo-se nas periferias das grandes cidades do país, adicionando, para além dos elementos norte-americanos, a literatu-

ra, as competições esportivas e o conhecimento (HOLANDA, 2014).

(...) o que une e define o hip-hop no Brasil é a criação de um conjunto de ações mediadas pela cultura buscando a transformação em suas comunidades. Esta atitude (como é chamada), é agora experimentada simultaneamente como arte e ativismo. Chama atenção ainda que a jovem cultura negra do hip-hop parece agora mais descompromissada com uma cultura focada em suas raízes (ainda que estas sejam um elemento central dessa produção) sendo assim, capaz de articular um fórum supranacional de jovens pobres e pretos que levantam a bandeira da resistência. Estas articulações transnacionais tal como vêm sendo realizadas pelo hip-hop aumentam sensivelmente a força e o poder para suas demandas específicas, ecoando de alguma forma o tom mais sofisticado dos Fóruns Sociais Mundiais (HOLANDA, 2014, p. 3).

Neste sentido, o rap é uma expressão artística que traz, nesta atitude, o advento da rima cantada (SCANDIUCCI, 2006; FERNANDES; MARTINS; OLIVEIRA, 2016). O *RhythmAndPoetry* pode ser encarado enquanto espaço extremamente potente, já que:

desenvolve-se e amplia-se no sentido dos usos da cultura como fator de geração de renda, de alternativa ao desemprego progressivo nessas comunidades, de estímulo à autoestima, de afirmação da cidadania, e conseqüentemente, de demanda por direitos políticos, sociais e culturais (HOLANDA, 2014, p. 3).

Esta expressão é historicamente construída por sujeitas/os periféricas/os que, em sua maioria, são pretas/os, e tem se estruturado enquanto lugar de expressão sobre questões que nos afetam. É um espaço no qual negras e negros podem expressar suas experiências e suas histórias por meio de denúncia; um registro-espaço para além do universitário que auxilia a manter vozes vivas ao nível intergeracional (SCANDIUCCI, 2006; FERNANDES; MARTINS; OLIVEIRA, 2016).

A noção de nacionalidade que comumente vemos circulando nas letras de rap giram sempre, no caso brasileiro, em torno da ideia de não pertencimento, de não inclusão no panorama geral da brasilidade. De certa forma, isto decorre das fortes marcas sócio-culturais que estão na base desse produto cultural: a periferia, a pobreza, a tensão étnico-racial, a marginalidade da própria condição, que se constituem marcas caracterizadoras do rap nacional (INACIO, 2006, p. 123).

A união entre o dispositivo rap (espaço de expressão) e a aproximação preexistente das/os adolescentes, possibilitou a realização de uma potente oficina em grupo com o objetivo de construir um material final, uma letra de rap. A realização desta atividade esteve fundamentada na compreensão Winnicottiana de criatividade, que parte da aceitação de que “criativo é aquele que desfruta da experiência de estar vivo” (FRANCO, 2005, p.39). Além disto, a proposta dialoga com a ideia da escrita enquanto instrumento de denúncia (HOOKS, 2018) e de ação terapêutica (TFOUNI; PEREIRA; ASSOLINI, 2008).

O rap aparece enquanto dispositivo familiar para o povo preto, largamente utilizado, consumido, e tem seu uso cada vez mais ampliado na contemporaneidade, do qual, por entre sua escrita-denúncia, reivindica o direito à vida, atitude que contorna ao nível micro e macropolítico as investidas necropolíticas do Estado. Mais que uma expressão artística, o rap constrói-se em direções de resistência, manutenção da história e elaboração das angústias racistas, podendo, ao mesmo tempo, ser dispositivo potente no processo de avivamento acerca das compreensões coletivas sobre as peles, ancestralidades e histórias. Um despertar sonoro e ritmado da experiência negra.

Partindo disto, a produção “Mandume” do rapper Emicida, em parceria com outras/os cantoras/es negras/os (Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike e Raphão Alaafin), foi utilizada como disparadora do momento junto as/os adolescentes das/os quais assistiram e ouviram o clipe e a música. Após a apresentação, as/os adolescentes foram distribuídas/os em três pequenos grupos, os quais receberam cartolinas com várias frases escritas.

As frases contidas nas cartolinas foram escolhidas pela equipe de trabalho e retiradas da música “Mandume”, sendo elas: “eles querem que alguém que vem de onde nós vem seja mais humilde, baixa a cabeça”; “meme de negro é: me inspira a querer ter um rifle”; “domado eu não vivo, eu não quero seu crime”; “as hiena tão rindo de quê, se o rei da savana é o leão?”; “ver minha mãe jogar rosas”; “tentar nos derrubar é secular, hoje chegam pelas avenidas, mas já vieram pelo mar”; “só sente quem teve banzo”.

Este relato aborda a experiência vivenciada no grupo que recebeu as seguintes frases para discussão: “eles querem que alguém que vem de onde nós vem seja mais humilde, baixa a cabeça”, “ver minha mãe jogar rosas” e “só sente quem teve banzo”.

2.1. “Eles querem que alguém que vem de onde nós vem seja mais humilde, baixa a cabeça”

A escolha da frase que intitula este tópico foi intencionalmente selecionada pensando nas pessoas que ocupam o espaço do grupo no CRAS. O CRAS, enquanto dispositivo do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que presta serviços de assistência às famílias e indivíduos que necessitam das atuações de proteção social, foi construído para atender a população em situação de alta vulnerabilidade social e econômica (BRASIL, 1993). Com a escolha deste mote, criou-se uma expectativa de que, a partir de um recurso disparador, fossem trazidas experiências já vivenciadas pelas/os adolescentes, para as quais, juntas/os, pudessem dar outros lugares subjetivos.

A discussão do grupo trouxe algumas dessas experiências vivenciadas enquanto homem preto que remontam a este recorte da música. No relato, explanei acerca da minha experiência ao chegar na Universidade, que apesar de pública, eu não me sentia nem um pouco pertencente. Lembro-me de não me sentir confortável em absolutamente nada. Tinha receio de transitar pelos blocos, entrar na biblioteca, usar um computador. Tudo parecia ser extremamente grandioso, ao mesmo tempo, em que também era estranho. Antes de ingressar, não sabia sequer em que lugar da cidade ficava posicionada a instituição de ensino superior. Nunca tinha ido a uma universidade, porque, além de não ser um roteiro comum para as/os meus e minhas, também era a primeira pessoa da família e do ciclo social que tinha conseguido ingressar.

Este retorno me fez rememorar as diversas vezes em que me senti inferior em relação ao restante da minha turma por não saber regras gramaticais, pronunciar o nome de autores estrangeiros ou ter baixa noção de filosofia. Como já discutiria Jessé de Souza (2018), não só me faltava o capital econômico, o dinheiro em si, mas o capital cultural, do qual me capacitaria minimamente para ter menos estranhamento com o espaço.

A possibilidade de aprendizado efetivo na escola requer a existência anterior, no ambiente doméstico e desde a mais tenra idade, de estímulos emocionais e morais (também invisíveis). Ninguém nasce com capacidade de concentração, disciplina e autocontrole, amor à leitura, pensamento prospectivo ou capacidade de pensamento abstrato (SOUZA, 2018, p. 11).

Recordei e utilizei os momentos em que me silencieei, ao acreditar que o que tinha para dizer não era inteligente o suficiente para ser dito. O uso político

das experiências enquanto jovem preto e que só se tornou possível de ser realizado por meio de uma atividade criativa (o rap), proporcionou a discussão junto a outros jovens pretos, de como o racismo poderia incidir em suas vidas de forma velada e estrutural. A forma como a atitude rap se apresenta enquanto espaço cultural e igualmente artístico nos dá abertura e permite a “análise para compreender como nos tornamos o que somos (e nossos modos de viver) precisa acontecer na relação entre as experiências cotidianas e pessoais e a esfera macropolítica” (RODRIGUES, 2022, p. 2).

2.2. “Ver minha mãe jogar rosas”

O trecho acima foi selecionado por inserir na discussão a necrobiopolítica, ou seja, constantes investimentos do Estado no processo de escolha de quem pode viver e aquelas/es que podem morrer (BENTO, 2018). A discussão foi estrategicamente pensada, sobretudo levando em consideração os dados brasileiros sobre mortalidade. Acerca disto, Rosaneli, Ferreira e Lima (2021, p. 3) nos alertam que:

A política passa a não incidir apenas sobre o espaço público, mas invade a esfera privada da existência e avança para a produção de subjetividades submissas às estruturas hierárquicas de poder, com base em padrões de normatividade inspirados em ideais utópicos de humanidade, desenvolvimento econômico e progresso material (ROSANELI; FERREIRA; LIMA, 2021, p. 3).

A taxa de mortalidade por homicídio entre jovens pretos no Brasil é quatro vezes maior quando comparada a de jovens não pretas/os (ARCOVERDE, 2022). Apesar de maior quantitativo populacional, não se deve furtar da compreensão de que o Estado institui políticas de morte, as quais permitem que esta população ocupe o topo do número de sujeitas/os que possuem suas vidas ceifadas diariamente (BENTO, 2018).

Um processo aparentemente natural, mas que é reincidentemente questionado por meio da música rap, dispositivo que serve, na mesma medida enquanto memória, espaço de denúncia e organização política para reivindicação de direitos, como nos traz Inácio (2009, p. 120):

(...) a poesia se reestabelece na lógica cultural na medida em que ao invés de reafirmar os valores da sociedade ou do estado, surge como forma de mostrar os anseios de novos sujeitos e de novos cidadãos, frente às novas realidades que os cercam.

No pequeno grupo, se conversou também sobre as mortes simbólicas, aquelas que dizem respeito ao silenciar da boca, do corpo e das diversas possibilidades de ser. A explanação sobre experiências exitosas (ser psicólogo, estar no programa de residência...) foi utilizada como estratégia para apontar caminhos possíveis de uma imagem positiva sobre a negritude, as quais poderiam auxiliar na produção de realidades que rompam com a ideia de morte como fim imediato. Um convite a amar a negritude como postura política (HOOKS, 2019), concordando com Rodrigues (2022, p. 8): “Celebrar as conquistas é tão importante quanto compreender os efeitos do racismo sobre a experiência emocional da população negra”.

2.3. “Só sente quem teve banzo”

O trecho acima retirado de “Mandume” foi especialmente escolhido por mim. A vivência assistencial da residência permitiu perceber a grande demanda de atendimentos em saúde mental, sobretudo entre mulheres pretas. Diante disso, utilizar a temática do banzo com um grupo de adolescentes, partindo da atitude rap, permitiu conversar sobre a história, pensar juntas/os que o racismo continua incapacitando ações e adoecendo.

Em fins do século XVIII, descreve-se uma enfermidade chamada “banzo”, numa memória sobre as condições do tráfico de escravos entre a África e o Brasil, escrita em Portugal por um membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, o advogado Luis Antonio de Oliveira Mendes. Na memória, criticando duramente “a crueldade e a tirania” dos traficantes e proprietários, o autor trata detalhadamente dos transtornos que atacariam a saúde dos negros escravizados, bem como dos meios de sanar e prevenir esses males, nas diversas etapas do comércio de escravos (ODA, 2007, p. 347).

O banzo é caracterizado pela literatura que se atentou a escrever sobre, como uma profunda tristeza que acometia as/os escravizadas/os e que provocava nestas/es uma extensa falta de vontade de viver. É uma espécie de patologia em que negras/os tentavam, a partir dessa desesperança, construir maneiras de escapar da angústia, estando entre as ações de escape, o suicídio (ODA, 2007; ODA, 2008).

Um pouco mais de três séculos depois, dados apontam que o suicídio na população preta é 45% maior que na população branca, sobretudo na faixa etária dos 10 aos 29 anos e no gênero masculino (AMARAL, 2022). Isso faz pensar que as condições que relacionavam a tristeza profunda

intitulada “banzo” deixaram de existir naqueles moldes, sendo reeditadas em estratégias contemporâneas que incentivam o ódio e o auto-ódio, introjando na experiência negra uma condição a mais no adoecimento mental, as quais são cotidianamente descortinadas através das letras-de-núncia de rap (SILVA; LIMA, 2021).

O caderno de Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde traz algumas temáticas estruturantes para a atenção integral à saúde de adolescentes e de jovens, figurando entre estas, a cultura de paz, a igualdade racial e étnica (BRASIL, 2010). O município de Maceió, capital do Estado, tem dentre as quatro maiores causas de morte a violência (MACEIÓ, 2022), condição que reforça que tais questões não poderão ser superadas enquanto o trabalho em saúde não trazer, insistentemente, para a transversalidade da discussão, o racismo e seus impactos, assim como as letras de rap o fazem.

2.4. O amor à negritude como uma ação em saúde

Após discussão nos pequenos grupos, uma grande roda foi formada de modo que cada grupo apresentasse seu produto, explicando a construção da sua letra de rap. As questões que emergiram foram sendo discutidas e novas reflexões foram percebidas: desde o fazer antirracista, como ser um/a apoiador/a da luta sem ser um/a sujeito/a preto/a, até a valorização dos traços negros e da nossa história.

A letra produzida pelas/os adolescentes que estavam no grupo falava de um local étnico-racial por vezes na primeira pessoa, outras na terceira pessoa, possibilitando o início de uma reflexão sobre a temática e o reconhecimento enquanto algo a se ater. No encerramento das discussões, foi exibido o poema “Gritaram-me negra” de Victória Santa Cruz. Para finalizar as atividades do “novembro negro”, uma interlocução entre o CRAS e uma sala de cinema próxima ao território, as/os adolescentes foram levadas/os para assistir ao filme “A Mulher Rei”, figurado por uma atriz negra, Viola Davis, da qual traz a história de guerreiras que viviam em aldeias situadas na África.

Com a realização do passeio ao cinema, encerraram-se as atividades propriamente ditas do mês programado, porém, também marcou o início da abertura sobre a temática naquele espaço e naquele grupo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, o processo de miscigenação foi um investimento nacional ancorado em uma ideia de que o branqueamento populacional traria por si só um avanço enquanto sociedade. A mistura é uma estratégia que descaracteriza qualquer possibilidade de retorno a uma ancestralidade, objetivando um fortalecimento e reconhecimento das opressões. Um cegar, um calar e um matar, estrategicamente desenhados, para que estruturas se mantenham exatamente da maneira como estão.

Pensando isso, enquanto sujeito preto, o fiz em solo seguro. A depender do contexto institucional em que estejamos inseridas/os, o despertar para a negritude não é uma sentença, mas sim, um convite. Foi por meio do convite que a discussão sobre a temática étnico-racial se deu neste relato de experiência. A discussão em um grupo com sujeitas/os pretas/os, utilizando um instrumento já assimilado pelas/os presentes, tornou-se a metodologia ideal para auxiliar na chegada destas/es, nesse espaço que, até então, poderia parecer confuso e distante.

A estratégia de trazer experiências de vida pode auxiliar no oferecimento de modelos possíveis de negritude positiva, porém, também pode retomar conteúdos que desenham sobre o corpo, marcas de uma sociedade racista, que se reestrutura. Portanto, a escrevivência por meio do rap se torna uma proposta não só de acesso a este mundo até então confuso, mas uma tentativa de acolher de maneira menos dolorosa, corpos minimamente silenciados, mas que já pulsavam vida e criatividade. Trata-se de uma tentativa de convite à emancipação, que objetiva o viver saudável.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Talita. Como o preconceito racial afeta a saúde mental da população negra. **CNNBRASIL**, São Paulo, CNN no Plural, 19 set. 2022. Disponível em: [encurtador.com.br/qxNYZ](https://www.encyclopedia.com.br/qxNYZ). Acesso em: 26 mar. 2023.

ARAUJO, Leandro Alves de. ORALIDADE E DIÁSPORA AFRICANA. **Grau Zero**, Alagoinhas, v. 4, n. 1, p. 49-69, 2016. Disponível em: [encurtador.com.br/mEJW5](https://www.encyclopedia.com.br/mEJW5). Acesso em: 10 mar. 2023.

ARAÚJO, Marcos Vinícius Ribeiro de; TEIXEIRA, Carmen Fontes de Souza. Concepções de saúde e atuação do Movimento Negro no Brasil em

torno de uma política de saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 1-12, 2022. Disponível em: encurtador.com.br/cqtJP. Acesso em: 10 mar. 2023.

ARCOVERDE, Leo. Taxa de homicídio de homens negros no Brasil é quase 4 vezes maior do que a de não negros, aponta estudo. **G1**, São Paulo, 19 nov. 2022. Disponível em: encurtador.com.br/uCPSW. Acesso em: 10 mar. de 2023.

BARBIANI, Rosangela *et al.* Atenção à saúde de adolescentes no Brasil: scoping review. **Revista Latino Americana de Ciências Sociais**, Manizales, v. 18, n. 3, p. 179-204, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/afrL1. Acesso em: 10 mar. 2023.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 53, n.1, p. 1-16, 2018. Disponível em: encurtador.com.br/atFXZ. Acesso em: 10 mar. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro: Roma Víctor, 2002.

BRASIL. **Lei Nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990.

BRASIL. **Lei nº 8.742 de 07 de dezembro de 1993**. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Disponível em: encurtador.com.br/wGPV5. Acesso em: 10 mar. 2023.

BRASIL. Ministério Da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010

EMICIDA. **Mandume**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2016. Disponível em: encurtador.com.br/syOY4. Acesso em 10 abr. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Ana Claudia Florindo; MARTINS, Raquel; OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula. **Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 1, n. 64, p. 183-200, 2016. Disponível em: encurtador.com.br/cmsCK. Acesso em 10 abr. 2023.

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. Psicopatologia e o viver criativo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 36-50, 2003. Disponível em: encurtador.com.br/BESUZ. Acesso em: 10 mar. 2023.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. ed. 1. São Paulo: Elefante, 2019.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. A política do hip hop nas favelas brasileiras. Alter/Nativas, **Revista de Estudos Culturais Latino-Americanos**, Ohio, v. 1, n. 2, p. 1-6, 2014. Disponível em: <https://encurtador.com.br/iJO13>. Acesso em: 22 maio 2023.

INÁCIO, Emerson da Cruz. SOBRE POESIA E RAP, RAPPERS E POETAS. **Via Atlântica**, [S. l.], v. 1, n. 15, p. 117-127, 2006. Disponível em: <https://encurtador.com.br/foI19>. Acesso em: 22 maio 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil - Identidade Nacional versus Identidade Negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. O banzo e outros males: o páthos dos negros escravos na Memória de Oliveira Mendes. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 346-361, 2007. Disponível em: encurtador.com.br/dkQY5. Acesso em: 10 mar. 2023.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 735–761, 2008. Disponível em: <https://abre.ai/f3dW>. Acesso em: 10 mar. 2023.

PREFEITURA Municipal de Maceió. Secretaria Municipal de Saúde. **Plano Municipal de Saúde**, 2022.

REIS, Diego dos Santos. A COLONIALIDADE DO SABER: PERSPEC-

TIVAS DECOLONIAIS PARA REPENSAR A UNIVERS(AL)IDADE. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 43, n. 1, p. 1-12. 2022. Disponível em: <https://abre.ai/f3dX>. Acesso em: 10 mar. 2023.

REIS, Diego dos Santos. Saberes encruzilhados: (de)colonialidade, racismo epistêmico e ensino de filosofia. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, n. 1, 2020, p. 1-20. Disponível em: <https://abre.ai/f3d0>. Acesso em: 10 mar. 2023.

RODRIGUES, Luciana. Negra de pele clara: embranquecimento e afirmação da negritude no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 1-13. 2022. Disponível em: <https://abre.ai/f3d2>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ROSA, Carolina Schenatto da; SILVA, Gilberto Ferreira da. Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 28, n. 2, p. 1-12. 2020. Disponível em: <https://abre.ai/f3d3>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ROSANELI, Caroline Filla; FERREIRA, Ramon Andrade; LIMA, Cezar Bueno de. Violência, guerra às drogas e racismo de estado no Brasil. **Polis Revista Latinoamericana**, Santiago, v. 20, n. 60, p. 130-148. 2021. Disponível em: <https://abre.ai/f3d4>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SOARES, Iris Pontes. Ainda guardo o direito de algum antepassado da cor: luta quilombola brasileira. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 21, n.3, p. 574–583, 2018. Disponível em: <https://abre.ai/f3d5>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho**: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SANTOS, Vitoria Carmo dos; DIAS, Acácia Batista. Os Efeitos do Racismo na Saúde Mental das Militantes Negras do MMNDS. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 42, n. 1, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://abre.ai/f3d7>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SANTOS, Gabrielle Christine et al. Impacto do Racismo nas Vivências de Mulheres Negras Brasileiras: Um Estudo Fenomenológico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 43, n. 1, p. 1-16, 2023. Disponível em:

<https://abre.ai/f3d8>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SCANDIUCCI, Guilherme. Cultura hip hop: um lugar psíquico para a juventude negro descendente das periferias de São Paulo. **Imaginário**, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 225-249, jun. 2006. Disponível em: <https://abre.ai/f3ec>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SILVA, Helena Clécia Barbosa da; LIMA, Telma Cristiane Sasso de. Racismo institucional: violação do direito à saúde e demanda ao Serviço Social. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 331 – 341, 2021. Disponível em: <https://abre.ai/f3eav>. Acesso em: 10 mar. 2023.

TFOUNI, Leda Verdiani, PEREIRA, Anderson de Carvalho; ASSOLINI, Filomena Elaine de Paiva. O caráter terapêutico da escrita: práticas de letramento em um hospital psiquiátrico. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 39, p. 101-110, 2008. Disponível em: <https://abre.ai/f3eb>. Acesso em: 10 mar. 2023.

WEIHMÜLLER, Valentina Carranza; DA SILVA, Andréa Costa; DE SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz. Percursos de autoria e subjetivação: entre rodas, rimas e cliques. **Revista Exitus**, v. 9, n. 4, p. 695-719, 2019. Acesso em: 21 maio 2023.

ⁱ Psicólogo Residente no Programa Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7211-9057>

E-mail: samuel.cgdn@gmail.com

ⁱⁱ Doutoranda na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). É docente de saúde coletiva do Centro Universitário Cesmac e da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1324-7163>

E-mail: elaine.oliveira@uncisal.edu.br

ⁱⁱⁱ Doutor em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1642-0259>

E-mail: marcos.mesquita@ip.ufal.br

Artigo recebido em: 09 abr. 2023. | Artigo aprovado em: 25 maio 2023.